

EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE
SIGMUND FREUD

VOLUME V

1,50

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

F942o
2.ed.
24vs.
Freud, Sigmund, 1856-1939.
Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira / Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. — 2.ed. — Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Tradução de: The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud.

Apêndice.
Bibliografia.

1. Psicanálise. I. Strachey, James. II. Freud, Anna, 1895- III. Título.
86-1114

CDD — 150.1952
CDU — 159.904.26FREUD

EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE

SIGMUND FREUD

Com Comentários e Notas de
JAMES STRACHEY

Em Colaboração com
ANNA FREUD

Assistidos por
ALIX STRACHEY e ALAN TYSON

VOLUME V
(1900-1901)

A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

(SEGUNDA PARTE)
E
SOBRE OS SONHOS

Direção de
JAYME SALOMÃO

2.ª EDIÇÃO

Totalmente Revisada pela Dra. VERA RIBEIRO



**BIBLIOTECA
DO IEPP**

IMAGO EDITORA LTDA.
Rio de Janeiro

OS PROCESSOS PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO — RECALCAMENTO

Ao me arriscar na tentativa de penetrar mais a fundo na psicologia dos processos oníricos, propus a mim mesmo uma árdua tarefa, da qual meus poderes expositivos mal chegam a ficar à altura. Os elementos que são de fato simultâneos nesse todo complexo só podem ser representados sucessivamente em minha descrição deles, ao mesmo tempo que, ao expor cada argumento, tenho de evitar precipitar as razões em que ele se fundamenta: dominar essas dificuldades está além de minhas forças. Em tudo isso, estou pagando o tributo por não ter podido, em minha descrição da psicologia do sonho, seguir o desenvolvimento histórico de minhas concepções. Embora minha linha de abordagem do tema dos sonhos tenha sido determinada por meu trabalho anterior sobre a psicologia das neuroses, eu não tencionava servir-me desta como base de referência na presente obra. Não obstante, sou constantemente levado a fazê-lo, em vez de prosseguir, como desejaria, na direção contrária, utilizando os sonhos como meio de abordagem da psicologia das neuroses. Estou ciente de todos os problemas em que meus leitores ficam assim envolvidos, mas não vejo meio de evitá-los. [Ver pág. 126n2.]

Em minha insatisfação com esse estado de coisas, alegra-me fazer uma pequena pausa em outra consideração que parece valorizar mais meus esforços. Descobri-me frente a um tema sobre o qual, como ficou demonstrado em meu primeiro capítulo, as opiniões das autoridades se caracterizavam pelas mais agudas contradições. Minha abordagem do problema dos sonhos encontrou espaço para a maioria dessas opiniões contraditórias. Só achei necessário negar categoricamente duas delas — a visão de que o sonho é um processo sem sentido [pág. 84 e segs.] e a visão de que é um processo somático [pág. 102 e segs.]. Salvo por isso, pude encontrar justificativa para todas essas opiniões mutuamente contraditórias num ou noutro ponto de minha complexa tese e mostrar que elas haviam deparado com alguma parcela de verdade.

A tese de que os sonhos dão prosseguimento às ocupações e interesses da vida de vigília [pág. 44 e segs.] foi inteiramente confirmada pela descoberta dos *pensamentos oníricos* ocultos. Estes só dizem respeito ao que nos parece importante e tem grande interesse para nós. Os sonhos nunca se ocupam de pormenores insignificantes. Mas também encontramos motivo para aceitar a visão oposta de que os sonhos apanham os dejetos irrelevantes que restam do dia anterior [pág. 54 e segs.] e de que só conseguem apoderar-se de um grande interesse diurno depois de ele se ter subtraído, até

certo ponto, da atividade de vigília [pág. 54]. Verificamos que isso se aplica ao conteúdo do sonho, que expressa os pensamentos oníricos numa forma alterada pela distorção. Por motivos ligados ao mecanismo de associação, como vimos, o processo onírico acha mais fácil obter controle do material de representações recente ou indiferente, que ainda não foi requisitado pela atividade de pensamento da vigília; e, por motivos de censura, ele transfere a intensidade psíquica daquilo que é importante, mas objetável, para aquilo que é indiferente.

O fato de os sonhos serem hipermnésicos [pág. 48 e segs.] e terem acesso ao material proveniente da infância [pág. 51 e segs.] tornou-se um dos pilares de nossa doutrina. Nossa teoria dos sonhos encara os desejos originários do infantil como a força propulsora indispensável para a formação dos sonhos.

Naturalmente, não nos ocorreu lançar nenhuma dúvida sobre a importância experimentalmente demonstrada dos estímulos sensoriais externos durante o sono [pág. 58 e segs.], mas mostramos que esse material tem com o desejo onírico a mesma relação que os restos de pensamento deixados pela atividade diurna. Tampouco vimos qualquer razão para contestar a tese de que os sonhos interpretam os estímulos sensoriais objetivos tal como o fazem as ilusões [pág. 63 e segs.], mas descobrimos a razão que motiva essa interpretação, razão que não fora especificada por outros autores. A interpretação é feita de maneira a que o objeto percebido não interrompa o sono e seja utilizável para fins da realização de desejo. Quanto aos estados subjetivos de excitação nos órgãos sensoriais durante o sono, cuja ocorrência parece ter sido provada por Trumbull Ladd [1892; ver pág. 66 e segs.], é verdade que não os aceitamos como uma fonte específica dos sonhos, mas pudemos explicá-los como resultantes da revivificação regressiva das lembranças que atuam por trás do sonho.

As sensações orgânicas *internas*, que foram comumente tomadas como um ponto cardeal na explicação do sonho [pág. 66 e segs.] preservaram um lugar, embora mais modesto, em nossa teoria. Tais sensações — as sensações de cair, por exemplo, ou de flutuar ou estar inibido — fornecem um material acessível a qualquer momento e do qual o trabalho do sonho se vale, sempre que necessário, para expressar os pensamentos oníricos.

A visão de que o processo onírico é rápido ou instantâneo [pág. 91] é, em nossa opinião, correta no que se refere à percepção, pela consciência, do conteúdo onírico pré-formado; parece provável que as partes precedentes do processo onírico sigam um curso lento e oscilante. Pudemos contribuir para a solução do enigma dos sonhos que contém uma grande quantidade de material comprimida num lapso curtíssimo de tempo; sugerimos que, em tais casos, trata-se de uma apoderação de estruturas prontas já existentes na psique.

O fato de os sonhos serem distorcidos e mutilados pela memória [pág. 76 e seg.] é aceito por nós, mas, em nossa opinião, não constitui obstáculo,

pois não passa da parte final e manifesta de uma atividade distorcedora que atua desde o próprio início da formação do sonho.

No que tange ao debate acirrado e aparentemente irreconciliável sobre se a vida anímica dorme à noite [pág. 83 e seg.] ou tem tanto domínio de todas as suas faculdades quanto durante o dia [pág. 88 e seg.], descobrimos que ambos os lados têm razão, mas nenhum está completamente certo. Encontramos nos pensamentos oníricos provas de uma função intelectual altamente complexa, que opera com quase todos os recursos do aparelho anímico. Não obstante, não se pode contestar que esses pensamentos oníricos surgiram durante o dia, e é imperativo presumir que existe na vida anímica um estado de sono. Portanto, mesmo a teoria do sono parcial [pág. 102] mostrou seu valor, embora tenhamos descoberto que o que caracteriza o estado de sono não é a desintegração dos vínculos anímicos, mas o fato de que o sistema psíquico que detém o comando durante o dia se concentra no desejo de dormir. O fator do retraimento do mundo externo [pág. 44 e seg.] preserva sua importância em nosso esquema; ele ajuda, embora não como determinante exclusivo, a possibilitar o caráter regressivo da representação nos sonhos. A renúncia ao direcionamento voluntário do fluxo de representações [pág. 79 e seg.] é indiscutível, mas isso não priva a vida anímica de todo e qualquer objetivo, pois vimos como, depois de se terem abandonado as representações-meta voluntárias, as involuntárias assumem o comando. Não fizemos simplesmente aceitar o caráter frouxo das ligações associativas dos sonhos [pág. 86], mas mostramos que ele se estende muito além do que se havia suspeitado. Descobrimos, contudo, que essas ligações frouxas são meros substitutos obrigatórios de outras que são válidas e significativas. É bem verdade que descrevemos os sonhos como absurdos, mas os exemplos nos ensinam quão sensato pode ser o sonho, mesmo quando parece absurdo.

Não temos divergências de opinião quanto às funções a serem atribuídas aos sonhos. A tese de que os sonhos agem como uma válvula de segurança da vida anímica [pág. 104] e de que, nas palavras de Robert [1886, 10 e seg.], toda sorte de coisas prejudiciais se tornam inofensivas por serem representadas no sonho, não apenas coincide exatamente com nossa teoria da dupla realização de desejos promovida pelo sonho, como também a maneira como é enunciada é mais inteligível para nós que para o próprio Robert. A visão de que a alma tem plena liberdade de ação em seu funcionamento nos sonhos [pág. 107] é representada, em nossa teoria, pelo fato de a atividade pré-consciente permitir que os sonhos sigam seu curso. Expressões como “retorno da vida anímica, nos sonhos, a um ponto de vista embrionário”, ou as palavras empregadas por Havelock Ellis [1899, 721] para descrever os sonhos — “um mundo arcaico de vastas emoções e pensamentos imperfeitos” [pág. 88] —, parecem-nos antecipações oportunas de nossas próprias assertivas de que participam da formação dos sonhos modos primitivos de atividade que são suprimidos durante o dia. Pudemos aceitar inteiramente, como se fosse nosso, o que escreveu Sully [1893, 362]:

“Nossos sonhos são um meio de conservar essas personalidades sucessivas [anteriores]. Quando adormecidos, retornamos às antigas maneiras de ver e sentir as coisas, aos impulsos e atividades que nos dominaram num passado distante” [pág. 88].⁽¹⁾ Para nós, não menos que para Delage [1891], aquilo que foi “suprimido” [pág. 107] tornou-se “a força propulsora dos sonhos”.

Reconhecemos plenamente a importância do papel atribuído por Scherner [1861] à “fantasia onírica”, bem como as interpretações desse autor [pág. 108 e segs.], mas fomos obrigados a situá-las, por assim dizer, numa posição diferente dentro do problema. Não é que os sonhos criem a fantasia, mas, antes, a atividade inconsciente da fantasia tem grande participação na formação dos pensamentos oníricos. Devemos a Scherner a indicação da fonte dos pensamentos oníricos, mas quase tudo o que ele atribui ao trabalho do sonho é realmente atribuível à atividade do inconsciente durante o dia, que é tanto a instigadora dos sonhos quanto dos sintomas neuróticos. Fomos obrigados a distinguir o “trabalho do sonho” como algo inteiramente diverso e com uma conotação muito mais estreita.

Por fim, de modo algum abandonamos a relação existente entre os sonhos e os distúrbios psíquicos [pág. 113 e segs.], mas estabelecemo-la mais firmemente em novas bases.

Desse modo, pudemos encontrar em nossa estrutura lugar para as mais variadas e contraditórias descobertas de autores anteriores, graças ao ineditismo de nossa teoria dos sonhos, que as combina, por assim dizer, numa unidade superior. Demos outro emprego a algumas dessas descobertas, mas poucas foram as que rejeitamos por completo. Não obstante, nosso edifício ainda não está terminado. À parte as muitas questões desconcertantes em que nos envolvemos ao abrir caminho pelas áreas obscuras da psicologia, parecemos atormentados por uma nova contradição. Por um lado, supusemos que os pensamentos oníricos surgem através de uma atividade mental inteiramente normal, mas, por outro, descobrimos diversos processos de pensamento bastante anormais entre os pensamentos oníricos, que se estendem ao conteúdo do sonho e que depois repetimos no curso de nossa interpretação do sonho. Tudo o que descrevemos como “trabalho do sonho” parece afastar-se imensamente daquilo que reconhecemos como processos racionais de pensamento, a tal ponto que as mais severas críticas emitidas pelos autores anteriores sobre o nível ínfimo de funcionamento psíquico nos sonhos devem parecer inteiramente justificadas.

Talvez só encontremos esclarecimento e assistência nesta dificuldade conduzindo nossas investigações ainda mais à frente. E começarei a escolher, para um exame mais aprofundado, uma das conjunturas que podem levar à formação do sonho.

(1) [As duas últimas frases foram acrescentadas em 1914.]

O sonho, como descobrimos, toma o lugar de diversos pensamentos que derivam de nossa vida cotidiana e formam uma seqüência completamente lógica. Não podemos duvidar, portanto, de que esses pensamentos se originem de nossa vida mental normal. Todos os atributos que tanto valorizamos em nossas cadeias de pensamento e que as caracterizam como realizações complexas de ordem superior são reencontradas nos pensamentos oníricos. Não há, porém, necessidade de presumir que essa atividade de pensamento seja executada durante o sono, possibilidade esta que confundiria gravemente o que até aqui constituiu nosso quadro aceito do estado psíquico de sono. Ao contrário, é bem possível que esses pensamentos tenham-se originado no dia anterior, passado despercebidos por nossa consciência desde o início, e talvez já se tenham completado ao iniciar-se o sono. O máximo que podemos concluir daí é que isso prova que *as mais complexas realizações do pensamento são possíveis sem a assistência da consciência* — um fato de que não poderíamos deixar de nos inteirar, de qualquer modo, através de toda psicanálise de um paciente que sofra de histeria ou de idéias obsessivas. Esses pensamentos oníricos certamente não são, em si, inadmissíveis à consciência; é possível que tenha havido diversas razões para que não se tornassem conscientes para nós durante o dia. O tornar-se consciente está ligado à aplicação de uma certa função psíquica [pág. 495], a da atenção, função esta que, segundo parece, só se acha disponível numa quantidade específica, a qual pode ter sido desviada da cadeia de pensamentos em questão para alguma outra finalidade.⁽¹⁾ Há também outra maneira pela qual essas cadeias de pensamento podem ser apartadas da consciência. O curso de nossas reflexões conscientes nos mostra que seguimos um determinado caminho em nosso emprego da atenção. Quando, ao seguirmos esse caminho, esbarramos numa representação que não resiste à crítica, nós o interrompemos: abandonamos a catexia da atenção. Ora, parece que a cadeia de pensamentos assim iniciada e abandonada pode continuar a se desenrolar sem que a atenção torne a voltar-se para ela, a menos que, num ou noutro ponto, ela atinja um grau de intensidade particularmente elevado, que exija atenção. Assim, quando uma cadeia de pensamento é inicialmente rejeitada (conscientemente, talvez) pelo julgamento de que é errada ou inútil para o fim intelectual imediato em vista, o resultado pode ser que essa cadeia de pensamentos prossiga, inobservada pela consciência, até o início do sono.

Resumindo: chamamos uma cadeia de pensamentos como essa de “pré-consciente”; encaramo-la como completamente racional e acreditamos que possa ter sido simplesmente negligenciada ou interrompida e suprimida.

(1) O conceito de “atenção” desempenha um papel muito pequeno nos trabalhos posteriores de Freud. Figura com destaque, por outro lado, em seu “Projeto para uma Psicologia Científica” (Freud, 1950a), por exemplo na seção inicial da Parte III. Cf. também págs. 523 e 556.]

Acrescentemos uma exposição clara de como visualizamos a ocorrência de uma cadeia de representações. Cremos que, partindo de uma representação-meta, uma determinada quantidade de excitação, que denominamos “energia catexial”, desloca-se pelas vias associativas selecionadas por aquela representação-meta. A cadeia de pensamentos “desprezada” é aquela que não recebeu essa catexia; a cadeia de pensamentos “suprimida” ou “repudiada” é aquela da qual essa catexia foi retirada. Em ambos os casos, elas ficam entregues a suas próprias excitações. Em certas condições, a cadeia de pensamentos catexizada com uma meta [zielbesetzt] é capaz de atrair para si a atenção da consciência e, nesse caso, por intermédio da consciência, recebe uma “hipercatexia”. Seremos obrigados, dentro em pouco, a explicar nossa visão da natureza e função da consciência. [Ver pág. 556 e segs.]

Uma cadeia de pensamentos assim deslanchada no pré-consciente pode cessar espontaneamente ou persistir. Visualizamos o primeiro desses resultados como implicando que a energia ligada à cadeia de pensamentos se difunde por todas as vias associativas que partem dela; essa energia coloca toda a rede de pensamentos num estado de excitação que dura algum tempo e depois decai, à medida que a excitação em busca de descarga se vai transformando numa catexia aquiescente. Quando sobrevém esse primeiro resultado, o processo não tem maior importância no que concerne à formação do sonho. Dentro de nosso pré-consciente, porém, espreitam outras representações-meta derivadas de fontes situadas em nosso inconsciente e de desejos que estão sempre em estado de alerta. Eles podem assumir o controle da excitação ligada ao grupo de pensamentos deixado à sua própria sorte, estabelecer uma ligação entre ele e um desejo inconsciente e “transferir-lhe” a energia que pertence a este último. Daí por diante, a cadeia de pensamentos desprezada ou suprimida fica em condições de persistir, embora o reforço que recebeu não lhe confira nenhum direito de acesso à consciência. Podemos exprimir isso dizendo que a cadeia de pensamentos até então pré-consciente foi agora “arrastada para o inconsciente”.

Outras conjunturas podem conduzir à formação do sonho. É possível que a cadeia de pensamentos pré-consciente tenha estado ligada ao desejo inconsciente desde o início e, por essa razão, tenha sido repudiada pela catexia-meta dominante; ou então um desejo inconsciente pode ser ativado por outras razões (por causas somáticas, talvez) e procurar transferir-se para os restos psíquicos não catexizados pelo Pcs. sem que estes façam qualquer movimento para ir a seu encontro. Mas todos os três casos têm o mesmo resultado final: passa a existir no pré-consciente uma cadeia de pensamentos desprovida de catexia pré-consciente, mas que recebeu uma catexia do desejo inconsciente.

A partir daí, a cadeia de pensamentos passa por uma série de transformações que já não podemos reconhecer como processos psíquicos normais e que levam a um resultado que nos desnorteia — uma formação psicopatológica. Vamos enumerar e classificar esses processos:

(1) As intensidades das representações individuais tornam-se passíveis de descarga *en bloc* e passam de uma representação para outra, de modo que se formam certas representações dotadas de grande intensidade. [Cf. pág. 315.] E, uma vez que esse processo se repete várias vezes, a intensidade de toda uma cadeia de pensamentos pode acabar por concentrar-se num único elemento de representação. Temos aí o fato da “compressão” ou “condensação”, que se tornou conhecida no trabalho do sonho. É ela a principal responsável pela impressão desconcertante que os sonhos causam em nós, pois não conhecemos nada que lhes seja análogo na vida anímica normal e acessível à consciência. Também na vida anímica normal encontramos representações que, como pontos nodais ou resultados finais de cadeias inteiras de pensamento, possuem um alto grau de significação psíquica; mas essa significação não se expressa em nenhum aspecto *sensorialmente* óbvio para a percepção interna; sua representação perceptiva não é mais intensa, em nenhum aspecto, por causa de sua significação psíquica. No processo de condensação, por outro lado, toda interligação psíquica se transforma numa *intensificação* de seu conteúdo de representações. É o mesmo que acontece quando, ao preparar um livro para publicação, faço com que alguma palavra de importância especial para a compreensão do texto seja impressa em tipo spacejado ou em negrito, ou quando, ao falar, pronuncio essa mesma palavra em voz mais alta, lentamente e com ênfase especial. A primeira dessas duas analogias nos faz lembrar de imediato um exemplo fornecido pelo próprio trabalho do sonho: a palavra “*trimetilamina*” no sonho da injeção de Irma [pág. 136]. Os historiadores da arte chamaram-nos a atenção para o fato de que as esculturas históricas mais antigas obedecem a um princípio semelhante: expressam a classe das pessoas representadas através do tamanho. O rei é representado em tamanho duas ou três vezes maior que seus súditos ou seus inimigos derrotados. As esculturas da época romana utilizavam meios mais sutis para produzir o mesmo resultado. A figura do Imperador era colocada no centro, de pé, e modelada com cuidado especial, enquanto seus inimigos jaziam prostrados a seus pés; mas ela já não era um gigante entre anões. As reverências com que os subalternos ainda hoje saúdam seus superiores são um eco desse mesmo antigo princípio de representação.

A direção em que avançam as condensações no sonho é determinada, de um lado, pelas relações pré-conscientes racionais entre os pensamentos oníricos e, de outro, pela atração exercida pelas lembranças visuais do inconsciente. O efeito do trabalho de condensação é a obtenção das intensidades necessárias para forçar a irrupção nos sistemas perceptivos.

(2) Graças, também, à liberdade com que as intensidades são transferíveis, formam-se “representações intermediárias” semelhantes a compromissos, sob a influência da condensação. (Cf. os numerosos exemplos que forneci [pág. 283 e segs., por exemplo].) Isso é, novamente, algo inaudito nas cadeias normais de representações, onde a ênfase principal recai sobre

a seleção e a retenção do elemento de representação “correto”. Por outro lado, com notável frequência ocorrem formações mistas e compromissos quando tentamos expressar os pensamentos pré-conscientes na fala. Eles são então encarados como exemplos de “lapsos de linguagem”.

(3) As representações que transferem umas às outras suas intensidades mantêm entre si as mais frouxas relações. São vinculadas por um tipo de associação que é desdenhado por nosso pensamento normal e relegado ao uso nos chistes. Em particular, encontramos associações baseadas em homônimos e parônimos, que são tratadas como tendo o mesmo valor que as demais.

(4) Os pensamentos mutuamente contraditórios não fazem qualquer tentativa de anular uns aos outros, mas subsistem lado a lado. Combinam-se freqüentemente para formar condensações, como se não houvesse nenhuma contradição entre eles, ou chegam a formações de compromisso que nossos pensamentos conscientes nunca tolerariam, mas que são amiúde admitidos em nossas ações.

Estes são alguns dos mais notáveis dentre os processos anormais a que os pensamentos oníricos, antes formados em bases racionais, são submetidos no decurso do trabalho do sonho. Veremos que a principal característica desses processos é que toda a ênfase recai em tornar móvel e passível de descarga a energia catexizante; o conteúdo e o significado intrínseco dos elementos psíquicos a que se ligam as catexias são tratados como coisas de importância secundária. Poder-se-ia supor que a condensação e a formação de compromisso só se dão para facilitar a regressão, isto é, quando se trata de transformar pensamentos em imagens. Todavia, a análise — e, mais ainda, a síntese — dos sonhos que não envolvem essa regressão a imagens, como por exemplo, o sonho do “Autodidasker — conversa com o Professor N.” [pág. 289 e segs.], exhibe os mesmos processos de deslocamento e condensação que os outros.

Portanto, somos levados a concluir que dois tipos fundamentalmente diferentes de processos psíquicos participam da formação dos sonhos. Um deles produz pensamentos oníricos perfeitamente racionais, com a mesma validade que o pensamento normal; já o outro trata esses pensamentos de um modo que é excepcionalmente desconcertante e irracional. Já no Capítulo VI distinguimos esse segundo processo psíquico como sendo o trabalho do sonho propriamente dito. Que esclarecimentos podemos agora oferecer sobre sua origem?

Não nos seria possível responder a essa pergunta se não houvésemos feito algum progresso no estudo da psicologia das neuroses, especialmente da histeria. Dela depreendemos que os mesmos processos psíquicos irracionais, e outros que não especificamos, regem a produção dos sintomas histéricos. Na histeria, além disso, deparamos com uma série de pensamentos perfeitamente racionais, com o mesmo valor de nossos pensamentos conscientes; a princípio, no entanto, nada sabemos sobre sua existência

nessa forma e só podemos reconstruí-los posteriormente. Quando eles se impõem à nossa atenção em determinado ponto, descobrimos, pela análise do sintoma produzido, que esses pensamentos normais foram submetidos a um tratamento anormal: *foram transformados no sintoma por meio da condensação e da formação de compromisso, através de associações superficiais e do descaso pelas contradições, e também, possivelmente, pela via da regressão*. Em vista da completa identidade entre os aspectos característicos do trabalho do sonho e os da atividade psíquica que desemboca nos sintomas psiconeuróticos, sentimo-nos autorizados a transpor para os sonhos as conclusões a que fomos levados pela histeria.

Por conseguinte, tomamos da teoria da histeria a seguinte tese: *uma cadeia de pensamento normal só é submetida a esse tratamento psíquico anormal que vimos descrevendo quando um desejo inconsciente, derivado da infância e em estado de recalçamento, se transfere para ela*. Segundo essa tese, construímos nossa teoria dos sonhos sobre o pressuposto de que o desejo onírico que fornece a força impulsora provém invariavelmente do inconsciente; esse pressuposto, como eu mesmo estou pronto a admitir, não pode ser genericamente comprovado, embora tampouco se possa refutá-lo. Entretanto, para explicar o que se pretende dizer com "recalçamento", termo com que já jogamos tantas vezes, é necessário avançar mais uma etapa na construção de nosso arcabouço psicológico.

Já exploramos a ficção de um aparelho psíquico primitivo [pág. 515 e segs.] cujas atividades são reguladas pelo esforço de evitar um acúmulo de excitação e de se manter, tanto quanto possível, sem excitação. Por isso ele foi construído segundo o esquema de um aparelho reflexo. A motilidade, que é em primeiro lugar um meio de promover alterações internas no corpo, está à sua disposição como via de descarga. Discutimos depois as consequências psíquicas de uma "vivência de satisfação", e a isso já pudemos acrescentar uma segunda hipótese, no sentido de que o acúmulo de excitação (acarretado de diversas maneiras de que não precisamos ocupar-nos) é vivido como desprazer, e coloca o aparelho em ação com vistas a repetir a vivência de satisfação, que envolveu um decréscimo da excitação e foi sentida como prazer. A esse tipo de corrente no interior do aparelho, partindo do desprazer e apontando para o prazer, demos o nome de "desejo"; afirmamos que só o desejo é capaz de pôr o aparelho em movimento e que o curso da excitação dentro dele é automaticamente regulado pelas sensações de prazer e desprazer. O primeiro desejo parece ter consistido numa catexização alucinatória da lembrança de satisfação. Essas alucinações, contudo, não podendo ser mantidas até o esgotamento, mostraram-se insuficientes para promover a cessação da necessidade, ou, por conseguinte, o prazer ligado à satisfação.

Tornou-se necessária uma segunda atividade — ou, em nossa terminologia, a atividade de um segundo sistema — que não permitisse à catexia

mnêmica avançar até a percepção e desde aí ligar as forças psíquicas, mas que desviasse a excitação surgida da necessidade por uma via indireta que, em última análise, através do movimento voluntário, alterasse o mundo externo de tal maneira que se tornasse possível chegar a uma percepção real do objeto de satisfação. Já esboçamos nosso quadro esquemático do aparelho psíquico até esse ponto; os dois sistemas são o germe daquilo que, no aparelho plenamente desenvolvido, descrevemos como o *Ics.* e o *Pcs.*

Para que se possa empregar a motilidade para efetuar no mundo externo alterações que sejam efetivas, é necessário acumular um grande número de experiências nos sistemas mnêmicos e uma multiplicidade de registros permanentes das associações evocadas nesse material mnêmico por diferentes representações-meta. [Cf. pág. 494.] Podemos agora levar nossas hipóteses um passo à frente. A atividade desse segundo sistema, que explora constantemente o terreno e alterna o envio de catexias com a retirada delas, precisa, por um lado, dispor livremente da totalidade do material mnêmico, mas, por outro, seria um gasto desnecessário de energia se ela enviasse grandes quantidades de catexia pelas diversas vias de pensamento e assim as fizesse escoar-se sem nenhuma finalidade útil e diminuísse a quantidade disponível para alterar o mundo externo. Dessa maneira, postulo que, em prol da eficiência, o segundo sistema logra conservar a maior parte de suas catexias de energia em estado de quiescência e empregar apenas uma pequena parte do deslocamento. A mecânica desses processos é-me inteiramente desconhecida; quem desejasse levar estas idéias a sério teria de procurar analogias físicas para elas e descobrir um meio de visualizar os movimentos que acompanham a excitação neuronal. Insisto tão-somente na idéia de que a atividade do primeiro sistema-*Ψ* está orientada para garantir a *livre descarga** das quantidades de excitação, enquanto o segundo sistema, por meio das catexias que dele emanam, consegue *inibir* essa descarga e transformar a catexia numa catexia quiescente, sem dúvida com uma elevação simultânea de seu nível.⁽¹⁾ Presumo, portanto, que sob o domínio do segundo sistema a descarga de excitação seja regida por condições mecânicas muito diferentes das que vigoram sob o domínio do primeiro sistema. Depois que o segundo sistema conclui sua atividade exploratória de pensamento, ele suspende a inibição e o represamento das excitações e lhes permite serem descarregadas no movimento.

Algumas reflexões interessantes decorrem disso, se considerarmos as relações existentes entre a inibição da descarga exercida pelo segundo

* [O termo alemão aqui usado é *Abstromen*, o que nos levaria mais literalmente a uma expressão como "livre desagüamento", com a conotação de saída torrencial. (N. da Rev. Geral).]

⁽¹⁾ [Obtém-se algum esclarecimento sobre o uso freudiano do conceito de "nível" de catexia na Parte III do "Projeto" de 1895 (Freud, 1950c).]

sistema e a regulação efetuada pelo princípio do desprazer.⁽¹⁾ Examinemos a antítese da vivência primária de satisfação, ou seja, a vivência de pavor frente a algo externo. Suponhamos que incida no aparelho primitivo um estímulo perceptivo que seja fonte de uma excitação dolorosa. Sobrevêm então manifestações motoras descoordenadas, até que uma delas faz com que o aparelho se retraia da percepção e, ao mesmo tempo, da dor. Quando a percepção reaparece, o movimento é imediatamente repetido (um movimento de fuga, talvez), até que a percepção torne a desaparecer. Nesse caso, não resta nenhuma inclinação a recatexizar a percepção da fonte de dor, alucinatoriamente ou de qualquer outra maneira. Pelo contrário, haverá no aparelho primitivo uma inclinação a abandonar imediatamente a imagem mnêmica aflitiva, caso algo venha a revivê-la, pela razão mesma de que, se sua excitação transbordasse até a percepção, provocaria desprazer (ou, mais precisamente, *começaria* a provocá-lo). A evitação da lembrança, que não passa de uma repetição da fuga anterior frente à percepção, é também facilitada pelo fato de que a lembrança, diversamente da percepção, não possui qualidade suficiente para excitar a consciência e assim atrair para si uma nova catexia. Essa evitação da lembrança de qualquer coisa que um dia foi aflitiva, feita sem esforço e com regularidade pelo processo psíquico, fornece-nos o protótipo e o primeiro exemplo do *recalcamento psíquico*. É comumente sabido que boa parcela dessa evitação do aflitivo — dessa política do avestruz — ainda é visível na vida anímica normal dos adultos.

Em consequência do princípio do desprazer, portanto, o primeiro sistema- Ψ é totalmente incapaz de introduzir qualquer coisa desagradável no contexto de seus pensamentos. Ele não pode fazer nada senão desejar. Se as coisas permanecessem nesse ponto, a atividade de pensamento do segundo sistema seria obstruída, já que ela requer livre acesso a *todas* as lembranças depositadas pela experiência. Apresentam-se então duas possibilidades: ou a atividade do segundo sistema consegue libertar-se inteiramente do princípio do desprazer e segue seu caminho sem se importar com o desprazer das lembranças, ou encontra um método de catexizar as lembranças desprazerosas que lhe permita evitar a liberação do desprazer. Podemos descartar a primeira destas possibilidades, pois o princípio do desprazer regula claramente o curso da excitação tanto no segundo sistema quanto no primeiro. Consequentemente, resta-nos a possibilidade de que o segundo sistema catexize as lembranças de tal maneira que haja uma inibição da descarga a partir delas, incluindo, portanto, uma inibição da descarga (comparável à de uma inervação motora) em direção ao desenvolvimento do desprazer. Assim, fomos levados, partindo de duas direções, à hipótese de que a catexia pelo segundo sistema implica uma inibição simultânea da descarga de

excitação: fomos levados a ela por considerar o princípio do desprazer e também [como assinalado no penúltimo parágrafo] pelo princípio do dispêndio mínimo de inervação. Retenhamos isto firmemente, pois é a chave de toda a teoria do recalque: *o segundo sistema só pode catexizar uma representação se estiver em condições de inibir o desenvolvimento do desprazer que provenha dela*. Qualquer coisa que pudesse fugir a essa inibição seria inacessível tanto ao segundo sistema quanto ao primeiro, pois seria prontamente abandonada em obediência ao princípio do desprazer. A inibição do desprazer, contudo, não precisa ser completa: o início dele tem de ser permitido, já que é isso que informa ao segundo sistema a natureza da lembrança em questão e sua possível inadequação ao fim visado pelo processo de pensamento.

Proponho descrever o processo psíquico admitido exclusivamente pelo primeiro sistema como “processo primário”, e o processo que resulta da inibição imposta pelo segundo sistema, como “processo secundário”.⁽¹⁾

Há mais uma razão pela qual, como posso demonstrar, o segundo sistema é obrigado a corrigir o processo primário. O processo primário esforça-se por promover uma descarga da excitação, a fim de que, com a ajuda da quantidade de excitação assim acumulada, possa estabelecer uma “identidade perceptiva” [com a vivência de satisfação (ver págs. 516-6)]. O processo secundário, contudo, abandonou essa intenção e adotou outra em seu lugar — o estabelecimento de uma “identidade de pensamento” [com aquela vivência]. O pensar, como um todo, não passa de uma via indireta que vai da lembrança de uma satisfação (lembrança esta adotada como uma representação-meta) até uma catexia idêntica da mesma lembrança, que se espera atingir mais uma vez por intermédio das experiências motoras. O pensar tem que se interessar pelas vias de ligação entre as representações

(1) [A distinção entre os sistemas primário e secundário e a hipótese de que o funcionamento psíquico atua diferentemente neles figuram entre os conceitos mais fundamentais de Freud. Eles estão associados com a teoria (indicada na pág. 543 e seg. e no início da Seção seguinte) de que a energia psíquica ocorre sob duas formas: “livre” ou “móvel” (como acontece no sistema *Ics.*) e “ligada” ou “quiescente” (como ocorre no sistema *Pcs.*). Ao examinar esse assunto em seus trabalhos posteriores (por ex., no artigo sobre “O Inconsciente”, 1915e, final da Seção V, e em *Além do Princípio do Prazer*, 1920g, Capítulo IV), Freud atribui esta última distinção a uma afirmação de Breuer em sua obra conjunta, *Estudos sobre a Histeria* (1895). Há alguma dificuldade em identificar tal afirmação na contribuição de Breuer àquela obra (Capítulo I:1). O que mais se aproxima dela é uma nota de rodapé próxima ao início da Seção 2, na qual Breuer distingue *três* formas de energia nervosa: “uma energia potencial que está quiescente na substância química da célula”, “uma energia cinética que é descarregada nas fibras quando se acham em estado de excitação” e “mais outro estado quiescente de excitação nervosa: a excitação tônica ou tensão nervosa”. Por outro lado, a questão da energia “ligada” é discutida um tanto longamente ao final da primeira seção da Parte III do “Projeto” de Freud (1950a), escrito apenas alguns meses após a publicação dos *Estudos sobre a Histeria*.]

(1) [Em suas obras posteriores, Freud o chama de “princípio do prazer”. Uma exceção ocorre na Conferência IV das *Conferências Introdutórias* (1916-17), Ed. *Standard*, Vol. XV, pág. 96.]

sem se deixar extraviar pelas *intensidades* dessas representações. Mas é óbvio que as condensações de representações e as formações intermediárias e de compromisso devem obstruir a consecução da identidade buscada. Uma vez que substituem uma representação por outra, elas provocam um desvio do caminho que partiria da primeira representação. Tais processos, portanto, são escrupulosamente evitados no pensamento secundário. É fácil perceber também que o princípio do desprazer, que em outros aspectos fornece ao processo de pensamento seus mais importantes indicadores, suscita-lhe dificuldades no estabelecimento de uma "identidade de pensamento". Por conseguinte, o pensar tem de visar a se libertar cada vez mais da regulação exclusiva pelo princípio do desprazer e a restringir o desenvolvimento do afeto na atividade do pensamento ao mínimo exigido para que ele atue como sinal.⁽¹⁾ O alcance desse maior apuro no funcionamento é visado por meio de uma nova hipercatexia promovida pela consciência. [Ver adiante, pág. 556 e segs.] Como bem sabemos, contudo, esse objetivo raramente é atingido por completo, mesmo na vida anímica normal, e nosso pensar está sempre exposto a um falseamento por interferência do princípio do desprazer.

Não é esse, porém, o hiato na eficácia funcional de nosso aparelho anímico que possibilita aos pensamentos, que se apresentam como produtos da atividade de pensamento secundária, ficarem sujeitos ao processo psíquico primário — pois essa é a fórmula com que agora podemos descrever a atividade que conduz aos sonhos e aos sintomas histéricos. A ineficiência provém da convergência de dois fatores derivados de nossa história evolutiva. Um desses fatores é inteiramente imputável ao aparelho anímico e tem influência decisiva na relação entre os dois sistemas, enquanto o outro se faz sentir em grau variável e introduz na vida anímica forças pulsionais de origem orgânica. Ambos se originam na infância e constituem um precipitado das modificações sofridas por nosso organismo anímico e somático desde a infância.

Quando descrevi como "primário" um dos processos psíquicos que ocorrem no aparelho anímico, o que tinha em mente não eram apenas considerações sobre a importância relativa e a eficiência; pretendi também escolher um nome que desse uma indicação de sua prioridade cronológica. É verdade que, até onde sabemos, não existe nenhum aparelho psíquico que possua apenas um processo primário, e nessa medida, tal aparelho é uma ficção teórica. Mas pelo menos isto é um fato: os processos primários acham-se presentes no aparelho anímico desde o princípio, ao passo que somente no decorrer da vida é que os processos secundários se desdobram e vêm inibir e sobrepor-se aos primários; é possível até que sua completa

(1) [Essa idéia de uma pequena quantidade de desprazer que age como "sinal" para impedir a ocorrência de uma quantidade muito maior foi retomada por Freud muitos anos depois e aplicada ao problema da angústia. Ver Freud, 1926d, Capítulo XI. Seção A (b).]

supremacia só seja atingida no apogeu da vida. Em consequência do aparecimento tardio dos processos secundários, o âmago de nosso ser, que consiste em moções de desejo inconscientes, permanece inacessível à compreensão e à inibição pelo pré-consciente; o papel desempenhado por este restringe-se para sempre a direcionar pelas vias mais convenientes as moções de desejo vindas do inconsciente. Esses desejos inconscientes exercem uma força compulsiva sobre todas as tendências anímicas posteriores, uma força com que essas tendências são obrigadas a aquiescer, ou que talvez possam esforçar-se por desviar e dirigir para objetivos mais elevados. Outro resultado do aparecimento tardio do processo secundário é que uma ampla esfera do material mnêmico fica inacessível à catexia pré-consciente.

Entre essas moções de desejo provenientes da infância, que não podem ser destruídas nem inibidas, há algumas cuja realização seria uma contradição das representações-meta do pensamento secundário. A realização desses desejos não mais geraria um afeto de prazer, mas sim de desprazer; e é precisamente essa transformação do afeto que constitui a essência daquilo a que chamamos "recalcamento". O problema do recalcamento está na questão de como e devido a que forças impulsoras ocorre essa transformação; mas esse é um problema em que nos basta tocar de passagem aqui.⁽¹⁾ É suficiente estabelecermos com clareza que tal transformação realmente ocorre no curso do desenvolvimento — basta lembrarmos como o nojo surge na infância, depois de ter estado ausente a princípio — e que está relacionada com a atividade do sistema secundário. As lembranças com base nas quais o desejo inconsciente provoca a liberação do afeto nunca foram acessíveis ao *Pcs.* e, por conseguinte, a liberação do afeto vinculado a essas lembranças também não pode ser inibida. E justamente por causa dessa geração de afeto que tais representações são agora inacessíveis até por intermédio dos pensamentos pré-conscientes para os quais transferiram sua força de desejo. Pelo contrário, o princípio do desprazer assume o controle e faz com que o *Pcs.* se afaste dos pensamentos de transferência. Eles ficam entregues a si próprios — "recalcados" — e é assim que a presença de um reservatório de lembranças infantis subtraídas desde o princípio ao *Pcs.* torna-se o *sine qua non* do recalcamento.

Nos casos mais favoráveis, a geração do desprazer cessa com a retirada da catexia dos pensamentos de transferência situados no *Pcs.*, e esse desenlace significa que a intervenção do princípio do desprazer serviu a um fim útil. Mas a questão é outra quando o desejo inconsciente recalcado recebe um reforço orgânico, que ele passa para seus pensamentos de transferência; dessa maneira, pode colocá-los em condições de fazer uma tentativa de irromper com sua excitação, mesmo que tenham perdido sua cate-

(1) [O assunto foi posteriormente tratado por Freud com muito maior amplitude em seu artigo sobre "O Recalcamento" (1915d); suas opiniões posteriores sobre o tema são fornecidas na Conferência XXXII de suas *Novas Conferências Introdutórias* (1933a).]

xia do *Pcs.* Segue-se então uma luta defensiva — porque o *Pcs.*, por sua vez, reforça sua oposição aos pensamentos recalcados (isto é, produz uma “contracatexia”)(1) — e, a partir daí, os pensamentos de transferência, que são veículos do desejo inconsciente, irrompem em algum tipo de compromisso obtido pela formação de um sintoma. Entretanto, a partir do momento em que os pensamentos recalcados são intensamente catexizados pela moção de desejo inconsciente e, por outro lado, abandonados pela catexia pré-consciente, eles ficam sujeitos ao processo psíquico primário e seu único objetivo é a descarga motora, ou, se o caminho estiver aberto, a revivificação alucinatória da identidade perceptiva desejada. Já constatamos empiricamente que os processos irracionais que descrevemos só se dão com os pensamentos que se encontram sob recalçamento. Agora podemos ver um pouco mais longe em toda essa situação. Os processos irracionais que ocorrem no aparelho psíquico são os processos *primários*. Eles aparecem sempre que as representações são abandonadas pela catexia pré-consciente, deixadas por sua própria conta, e podem ser carregadas com a energia não inibida do inconsciente, que luta por encontrar um escoadouro. Algumas outras observações apóiam a concepção de que esses processos, que são descritos como irracionais, não são, na realidade, falseamentos de processos normais — erros intelectuais — mas sim modos de atividade do aparelho psíquico que foram libertados de uma inibição. Assim, vemos que a transição da excitação pré-consciente para a motilidade é regida pelos mesmos processos, e que a vinculação das representações pré-conscientes com as palavras pode facilmente exibir os mesmos deslocamentos e confusões, que são então atribuídos à desatenção. Finalmente, a comprovação do aumento de atividade que se torna necessário quando esses modos primários de funcionamento são inibidos pode ser encontrada no fato de produzirmos um efeito *cômico*, isto é, um excesso de energia que tem de ser descarregado no riso, se permitirmos que esses modos de pensamento irrompam na consciência.(2)

A teoria das psiconeuroses afirma como fato indiscutível e invariável que somente as moções de desejo sexuais procedentes da infância, que sofreram recalçamento (isto é, uma transformação do afeto) durante o período de desenvolvimento infantil, são passíveis de ser revividas em períodos *posteriores* do desenvolvimento (seja como resultado da constituição sexual do sujeito, que deriva de uma bissexualidade inicial, seja como resultado de influências desfavoráveis que atuem no curso de sua vida sexual) e, desse modo, estão aptas a suprir a força impulsora para a formação de toda sorte

(1) [Esse parêntese foi acrescentado em 1919.]

(2) [Esse tema foi mais detidamente abordado por Freud no Capítulo V do seu livro sobre o chiste (1905c). A questão dos erros intelectuais foi mais amplamente examinada nas páginas finais do “Projeto” (1950a).]

de sintomas psiconeuróticos.(1) Apenas mediante a referência a essas forças sexuais é que podemos cobrir as brechas que ainda se evidenciam na teoria do recalçamento. Deixarei em aberto a questão de esses fatores sexuais e infantis serem igualmente exigidos na teoria dos sonhos; deixarei tal teoria incompleta neste ponto, uma vez que já foi um passo além do que se pode demonstrar ao presumir que os desejos oníricos provêm invariavelmente do inconsciente.(2) Tampouco proponho investigar mais a fundo a natureza da distinção entre a interação das forças psíquicas na formação dos sonhos e na dos sintomas histéricos; ainda não dispomos de um conhecimento suficientemente preciso de um dos dois termos da comparação.

Mas há outro ponto a que dou importância, e devo confessar que foi exclusivamente por causa dele que me embrenhei aqui em todas essas discussões dos dois sistemas psíquicos e de seus modos de atividade e de recalçamento. Não se trata agora de saber se formei uma opinião aproximadamente correta dos fatores psicológicos em que estamos interessados, ou se, como é bem possível em assuntos tão difíceis, o quadro que forneço deles é distorcido e incompleto. Por mais que se possam fazer alterações em nossa interpretação da censura psíquica e das elaborações racionais e anormais do conteúdo do sonho, continua a ser verdade que tais processos atuam na formação dos sonhos e mostram a mais estreita analogia, em seus

(1) [O tema exposto nessa frase foi elaborado por Freud em seus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905d).]

(2) Aqui e em outros trechos deixei intencionalmente lacunas no tratamento de meu tema, pois preenchê-las requeria, por um lado, um esforço excessivamente grande, e por outro, envolveria basear-me num material alheio à questão dos sonhos. Por exemplo, omiti declarar se atribuo sentidos diferentes aos termos “suprimido” e “recalcado”. Há de ter ficado claro, entretanto, que este último dá mais ênfase do que o primeiro ao fato da ligação com o inconsciente. Tampouco entrei no problema evidente de por que os pensamentos oníricos são submetidos à distorção pela censura, mesmo nos casos em que abandonaram a via progressiva em direção à consciência e escolheram a regressiva. E há muitas omissões semelhantes. O que eu ansiava por fazer, acima de tudo, era criar uma impressão dos problemas a que leva a análise ulterior do trabalho do sonho, e dar uma indicação dos outros temas com que essa análise ulterior entraria em contato. Nem sempre me foi fácil decidir em que ponto interromper meu curso nessa linha de exposição. — Há razões especiais, que talvez não sejam as que meus leitores esperaríamos, para eu não ter dado um tratamento exaustivo ao papel desempenhado nos sonhos pelo mundo das representações sexuais e para ter evitado analisar sonhos de conteúdo obviamente sexual. Nada poderia estar mais distante de minhas próprias concepções ou das opiniões teóricas que sustentam em neuropatologia do que encerrar a vida sexual como algo vergonhoso em que nem o médico nem o pesquisador científico têm qualquer interesse. Ademais, a indignação moral com que o tradutor da *Oneirocritica*, de Artemidoro de Daldis, se deixou levar a subtrair do conhecimento de seus leitores o capítulo sobre os sonhos sexuais parece-me risível. O que norteou minha decisão foi, simplesmente, perceber que a explicação dos sonhos sexuais me envolveria a fundo nos problemas ainda não solucionados da perversão e da bissexualidade; por conseguinte, reservei esse material para outra ocasião. [Talvez convenha acrescentar que o próprio tradutor da *Oneirocritica*, F. S. Krauss, publicou posteriormente o capítulo omitido em seu periódico *Anthropophyteia*, que Freud citou

elementos essenciais, com os processos observáveis na formação dos sintomas histéricos. O sonho, porém, não é um fenômeno patológico; não pressupõe nenhuma perturbação do equilíbrio psíquico e não deixa como seqüela nenhuma perda de eficiência. Talvez se faça a sugestão de que nenhuma conclusão sobre os sonhos das pessoas normais pode ser extraída de meus sonhos ou dos de meus pacientes, mas essa, penso eu, é uma objeção que se pode desprezar em segurança. Portanto, se podemos inferir dos fenômenos suas forças impulsoras, temos de reconhecer que o mecanismo psíquico empregado pelas neuroses não é criado pelo impacto de uma perturbação patológica sobre a vida anímica, mas já está presente na estrutura normal do aparelho anímico. Os dois sistemas psíquicos, a censura na passagem entre um e outro, a inibição e a superposição de uma atividade pela outra, as relações de ambas com a consciência — ou quaisquer que sejam as interpretações mais corretas dos fatos observados a tomar seu lugar — tudo isso faz parte da estrutura normal de nosso instrumento anímico, e os sonhos nos mostram um dos caminhos que levam à compreensão de sua estrutura. Se nos restringirmos ao mínimo de novos conhecimentos já estabelecido com certeza, ainda assim poderemos dizer sobre os sonhos: eles provaram que *o suprimido continua a existir tanto nas pessoas normais quanto nas anormais e permanece capaz de funcionamento psíquico*. Os próprios sonhos figuram entre as manifestações desse material suprimido; segundo a teoria, isso acontece em todos os casos, e pode ser empiricamente observado pelo menos num grande número deles, precisamente nos casos que exibem com mais clareza as notáveis peculiaridades da vida onírica. Na vida de vigília, o material suprimido da psique é impedido de se expressar e é isolado da percepção interna, graças ao fato de se eliminarem as contradições nele presentes — um dos lados é abandonado em favor do outro —; durante a noite, porém, sob a influência de um impulso à formação de compromissos, esse material suprimido encontra meios e modos de irromper na consciência.

Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo.(1)

A interpretação dos sonhos é a via real para o conhecimento das atividades inconscientes da vida anímica.

antes (pág. 337n) e do qual fala tão elogiosamente em outros textos (1910f e 1913k.)

(1) ["Se não posso dobrar os Poderes Supremos, moverei as Regiões Infernais." Freud observa, numa nota em *Ges. Schr.*, 3 (1925), 169, que "esse verso de Virgílio [*Eneida*, VII, 312] pretende retratar os esforços das moções pulsionais recalçadas". Ele utilizou o mesmo verso como epígrafe de toda esta obra. (Ver nota acrescentada ao subtítulo do livro, Vol. IV, pág. 17). Numa carta de 4 de dezembro de 1896 enviada a Fliess (Freud, 1950a, Carta 51), propôs empregá-lo como lema de um capítulo sobre a "Formação de Sintomas" em alguma obra projetada, mas não realizada. — A frase seguinte foi acrescentada em 1909. No mesmo ano, foi incluída na terceira das conferências de Freud na Universidade Clark (Freud, 1910a).]

Pela análise dos sonhos podemos dar um passo à frente em nosso entendimento da composição desse que é o mais maravilhoso e mais misterioso de todos os instrumentos. Apenas um pequeno passo, sem dúvida, mas já é um começo. E esse começo nos permitirá levar sua análise mais adiante, com base em outras estruturas que devem ser chamadas de patológicas. É que as enfermidades — ao menos as que são corretamente denominadas de "funcionais" — não pressupõem a desintegração do aparelho ou a produção de novas divisões em seu interior. Elas devem ser explicadas em termos *dinâmicos*, pelo fortalecimento e enfraquecimento dos diversos componentes da interação de forças, da qual tantos efeitos ficam ocultos enquanto as funções permanecem normais. Espero poder mostrar em outro texto como a composição do aparelho a partir de duas instâncias faz com que também a função normal possa se dar com maior refinamento do que seria possível com apenas uma delas.(1)

(1) Os sonhos não são os únicos fenômenos que nos permitem encontrar uma base para a psicopatologia na psicologia. Numa pequena série de artigos (1898b e 1899a) ainda não concluída, tentei interpretar certo número de fenômenos da vida cotidiana como provas em favor das mesmas conclusões. [Acrescentado em 1909:] Esses, juntamente com alguns outros artigos sobre o esquecimento, os lapsos de linguagem, os atos falhos, etc., foram posteriormente reunidos sob o título de *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (Freud, 1901b).